

O COTIDIANO NA PERSPECTIVA DOS RITMOS

Ana Cristina Mota Silva ¹

RESUMO:

Este texto busca entender a noção de tempo-cíclico capturado pelo tempo-linear como modo de reprodução da sociedade e inserção dos indivíduos no Cotidiano, redefinindo ritmos, formas de sociabilidade. No tempo da repetição, do idêntico, procura apreender o irredutível, o resíduo.

PALAVRAS-CHAVE:

ritmo tempo-cíclico tempo-linear.

ABSTRACT:

This text tries to understand the notion of cyclical-time captured by linear-time as a way of reproduction and of individuals' insertion in everyday life, redefining rhythms, and forms of sociability. In the time of repetition and similarity, it tries to perceive what can not be reduced, the residue.

KEY-WORDS:

rythm Cyclical-time lineal-time.

"A aurora sempre nova, frequentemente soberba inaugura o retorno do cotidiano unidade conflitual das relações entre o cíclico e o linear engendra tanto compromissos quanto perturbações."
Henri Lefebvre. (Rythmanalyse)

Qual o sentido nesse trabalho de retomar essa categoria do curso²? Gostaria de registrar uma passagem que muito me inquietou no sentido de pensar um pouco mais a relação homem-tempo. Assim, espero encontrar caminhos para interrogar a sociedade contemporânea.

Qual seria então a noção de tempo sugerida pelo cotidiano? Penso no tempo para além dos limites do mundo moderno, na recuperação da noção de ritmos. Entender o tempo na sua dimensão implica entender o acúmulo de tempos históricos, sua produção e reprodução social. Penso na noção de tempos cíclicos³ no sentido que ela abarca: o tempo da comunidade, no qual existia um sentimento de ser, de viver em grupo, de conhecer os fatos, dos laços consangüíneos, das relações diretas entre os ho-

mens.⁴ É importante ressaltar que não se pretende aqui defender um retorno à comunidade, mas salien-

1 Aluna de Pós-graduação de Geografia – FFLCH-USP.
2 Este texto foi inicialmente apresentado como trabalho final do curso: "Elementos para uma abordagem geográfica do cotidiano" - 1o. semestre de 1997.
3 Para LEFEBVRE, o tempo cíclico está ligado à natureza, aos dias da semana, às noites; o cíclico é em geral de origem cósmica (*Éléments de rythmanalyse*. op. cit.).

4 Vários autores tematizaram a passagem de sociedades primitivas a sociedades mais complexas (SIMMEL, DURKHEIM, TONNIES, WEBER). "É possível, de início, descobrir um elemento recorrente que é o conceito de comunidade, em geral, opondo-se ao de sociedade". (MAGNANI, J.G.C., op. cit.)
Para TONNIES, a comunidade é um tipo de associação que implica na relação baseada na consanguinidade - família, relações primárias - de rigidez social. Com o rompimento dessa solidariedade, nasce uma sociedade que se caracteriza pelas relações de trocas de equivalentes, ou seja, a perda de autonomia da economia doméstica para a produção voltada para o mercado.
Já com SIMMEL surge a idéia de homem e indivíduo. O autor questiona a predominância do espírito objetivo sobre o subjetivo e descobre o individualismo e a *psiqué* individual - faz a passagem da aldeia - cidade - metrópole. Na aldeia existe o tempo para conhecer os fatos e o tempo de colheita. O homem metropolitano é ordenado no tempo e fundado na troca universal formas anônimas da cidade industrial. Nesse sentido, a metrópole aparece, para SIMMEL, como um campo de lutas onde o indivíduo assume uma determinada forma de fazer parte. DURKHEIM recorre à mesma problemática quando discute solidariedade mecânica e orgânica. Esta última resulta da divisão social do trabalho. Usa a cidade como exemplo do lugar das especializações. Para este autor o que vem antes é a comu-

tar que as novas formas de produção - que implicam numa repetição linear - simulam o ciclo cósmico como aquilo que inaugura sempre um retorno ao idêntico. É como se o cósmico não existisse, restando-nos apenas a possibilidade de nos tomarmos cada vez mais exatos, menos espontâneos.

Com a divisão social do trabalho, a passagem da solidariedade mecânica para orgânica⁵ implicou na extensão das relações capitalistas de produção à toda sociedade, na dissolução das antigas relações. As novas são determinadas pelos novos valores - da mercadoria - dos de troca e de uso. A mercadoria substitui as relações diretas entre os homens: separa-se o trabalho intelectual e manual, sujeito e objeto... Assim,... *a mercadoria arrebatou tudo - o espaço social e o tempo social dominado pelas trocas, tornando o tempo e o espaço dos mercados, eles entram nos produtos ainda não sendo coisas, mas determinando ritmos*⁶. Ritmos que não dizem respeito às necessidades imediatas do corpo, mas à construção do mercado, coisas de ordem distante. Assim, perde-se (aliena-se) o entendimento do próprio processo do trabalho. O próprio corpo torna-se *repetição*⁷, monotonia, cansaço e

nidade, festas, orgias. WEBER, ao fazer esta passagem, sofre um desencantamento pela cidade ao descobrir a cidade das trocas, racionalizada, e a desintegração do antigo modo de vida. Assim, para este autor, a racionalidade é o princípio que vai explicar o mundo ocidental (racionalidade/universalização). A modernidade surge com a racionalidade, a burguesia urbana se libera do príncipe, a ciência da magia. O autor usa o método histórico comparativo para a análise da cidade; cidade medieval (Baixa Idade Média), cidade-Estado; e tem o econômico como um dos elementos principais.

5 Durkheim, quando faz a passagem da solidariedade mecânica para a orgânica (esta última surge com a divisão social do trabalho), nos permite verificar as diferenças das sociedades pré-capitalistas com relação à capitalista. Destaca, nesta última, a mediação dos sujeitos pelas "coisas". Contudo, não discute os elementos que produziram as transformações das sociedades pré-capitalistas, não havendo a compreensão do movimento de passagem de uma para outra (muito embora seja possível verificar que o trabalho nas sociedades anteriores era carregado de um "conteúdo sensível"). Assim, se nas relações pré-capitalistas o trabalho era uma atividade imposta pelas necessidades imediatas dos indivíduos, "porém precisamente por isso nenhum dispêndio abstrato de força de trabalho e nenhuma atividade social que traz em si sua própria finalidade" (KURZ, op. cit. 25), as novas formas de produção da sociedade atual invertem a lógica das necessidades, realizando-as segundo a lógica do tempo da produtividade.

6 LEFEBVRE, Henri. *Éléments de Rythmanalyse. Introduction à la connaissance des rythmes*. Paris, Syllepse, 1992 (p-15).

7 Para LEFEBVRE, a vida cotidiana é também a repetição dos mesmos gestos: levantar-se pela manhã, preparar o café, sair, correr às ruas, as mesmas a cada manhã, atravessar as praças, as mesmas, tomar o metrô, perder-se entre a multidão, ler o periódico, entrar pela mesma porta, o mesmo escritório, a mesma oficina, sabendo que é necessário continuar. "Introducción

seu sentido não se explica apenas pelas sensações de quem vive o trabalho industrial.

O não entendimento desse processo social pode ser vivido miticamente no trabalho. Para o artesão a consciência do processo de realização da produção é capturada de modo invisível pelos novos meios de produção. Desta forma, perde-se o sentido do trabalho para o trabalhador. A este já não cabe mais pensar o sentido de seu trabalho, mas interpretar ritmos, acompanhar a velocidade da máquina. A dilaceração do corpo no seio da fábrica significa também sua transformação em instrumento automático da linha de produção. Nesse sentido, ocorre tanto a sujeição formal como a real do trabalhador. É neste movimento de alienação do processo de trabalho que as formas míticas de vivê-lo podem aparecer, como descreve Martins na "Aparição do Demônio na Fábrica" de ladrilhos de São Caetano do Sul - SP. A resistência surgida com a aparição do demônio na fábrica, para Martins, tem um significado, pois era a reivindicação dos operários para a restituição simbólica da fábrica no tempo cósmico e qualitativo, que fora banido com a completa sujeição de todo o processo de trabalho ao tempo linear, quantitativo e repetitivo da reprodução automatizada, na imposição dos gestos do trabalho parcelar. Uma banalização do trabalho artesanal, mas também a redução da pessoa trabalhadora.⁸ O conflito entre a racionalidade da técnica e operários está também relacionado com a negação do espaço vivido. Os laços de sociabilidade existentes no exterior da fábrica se estendiam no seu interior (relação de vizinhança, sociabilidade direta, ou seja, relações de ordem próxima). Este vivido é então negado pelas novas formas de relações de produção - ordem distante.⁹

Contudo, a noção de tempo cíclico poderia contribuir para o entendimento da sociedade moderna?

Vivemos um mundo linear de (causa e efeito) um ciclo que se submete ao ciclo da reprodução do capital. Trocam-se mercadorias por mercadorias, crescem as cadeias de equivalências (reduzidas da qualidade em quantidade), instaura-se um ciclo vicioso, o ciclo do mercado. O modo de vida da sociedade moderna produzida e reproduzida reduz-se ao imenso consumo de mercadorias. O capitalismo impõe um imenso mundo de imagens, objetos. O indivíduo

a psicossociologia de la vida cotidiana" In: *De lo rural a lo Urbano* (pp-86-87).

8 MARTINS, J.S. "A aparição do demônio na fábrica" In: *Tempo Social* - V. 5 n. 1-2. SP, 1994 (P21).

9 LEFEBVRE, Henri. *Reprodução das relações sociais de produção*. Op. cit.

consumidor, submerso, cria a ilusão de que, ao apropriar-se dos produtos, realiza todas as necessidades. Assim, o indivíduo vive uma eterna angústia, imagina-se “imagens - objetos mercadorias” Percebe-se com isso a imensa ausência de sentido do indivíduo consumidor, fechado em seus bens materiais. Os bens de consumo tomam conta das cidades, invadem as ruas e casas, a vida. E a forma de adquiri-los faz parte da estratégia do capital. Nasce os créditos para o consumo, prolongam-se não somente as formas de pagamento, como a submissão do devedor às lógicas e aos ritmos de trabalho, como “única” forma de solvência das dívidas; equivalência das realizações do desejo. Este, qualitativo (desejo), realiza-se quantitativamente no preço da mercadoria e na forma de relação do indivíduo para com o tempo, agora, tempo de trabalho. O baixo preço destes produtos é tanto condição para sua multiplicação como também para constituição da reprodução da força de trabalho, a produção da mais-valia. O valor de uso, previsto pelo objeto, tem como finalidade não o uso, mas a realização da própria troca. Tal é a condição para que estes bens sejam “socializados”

O capital torna-se definidor da vida humana; o objeto virou somente um meio de acumulação de capital: ao invés de ser um meio de realização da vida humana, torna-se um fim, cria uma diferença ilusória a própria indiferença. O indivíduo enclausurado em suas alienações, reduzido ao tempo-trabalho, tempo-lazer, tempo-livre - ausente - homem limitado para produzir sua espontaneidade. Este homem castrado, dilacerado, torna-se dependente das necessidades do capital, necessidades estas satisfeitas através da propriedade, do ter, em que a apropriação da essência humana e da vida, para Marx (nos *Manuscritos Filosóficos e Econômicos de 1844*), seria a negação desta que recuperasse, então, todos os sentidos: ver, ouvir, cheirar, pensar, observar, sentir, desejar, agir, amar, ou seja, a “desalienação”

O indivíduo incorporado neste *cotidiano* e se realizando também através da presença destas relações em todos os momentos de sua vida, em todos os instantes, tem a possibilidade de se rebelar de modo mais variado, graças a essa presença também variada. Assim, a diversidade das formas de coações implica, talvez, numa diversidade de formas de negações para com essa vida institucionalizada, programada, de sujeitos anônimos, de identidades abstratas, de conflito entre o público e o privado, do natural e do cultural, de generalização do Estado, do homogêneo. Neste encontro de movimentos dialéticos, de ausências, existe uma presença oculta, que é re-

flexo de uma essência da cotidianidade¹⁰: o homem sonha com o tempo do ócio, do não-trabalho.

Existem momentos da vida que não foram capturados, irreduzíveis, que estão submersos no indivíduo. Esse mundo repetitivo que se apresenta como novo dissimula esta sociedade. A sociedade de consumo aperfeiçoa cada vez mais a produção de objetos, iguala os indivíduos como consumidores, simula as relações de classes. Mas, como pensar outras possibilidades diante dessa repetição, o acaso? Assim, *uma repetição engendra uma diferença - a mais pequena de todas, com o menor conteúdo, o mínimo de resíduo*¹¹ e garante que haja também o novo. Esta repetição produz a diferença ao longo de um “tempo específico” A repetição supera a lógica formal, dos números (desvendada de sua representação), objetos, produtos, gestos, práticas, as ações mais simples. *O repetitivo é também o duplo, a duplicação e a reduplicação (...) logo, a simetria e dissimetria, o eco, o reflexo, a imagem. E por que não a máscara? O reflexo enganador?*¹²

Por que o repetitivo torna-se máscara? O reflexo enganador? Penso que seja o princípio de identidade, do idêntico que aparece como igual, por exemplo, os dias da semana, as noites que parecem não se renovar, tomadas pelo tempo linear¹³

Contudo, a diferença é a negação da repetição, quando luta. *Nada de ritmo sem repetição no tempo e no espaço, sem retomada, sem retomo, sem medida. Mas não existe repetição absoluta, o idêntico, indefinidamente (...). Quer se trate do cotidiano dos ritos, das cerimônias, das festas, das regras e das leis; existe sempre o imprevisto, o novo que se introduziu no repetitivo: na diferença.*¹⁴

Pensar o mundo pelo idêntico significa causar a sua própria destruição, reduzi-lo à trivialidade, ao banal, ao homem-trabalho, indivíduo - consumidor, à mimesis¹⁵, negando os estilos, a obra, a atividade

10 A cotidianidade exprime não somente o cotidiano, mas a possibilidade de sua ruptura.

11 Na origem, é irreduzível aquilo que não é capturável pelo sistema econômico - político, pelo processo de homogeneização.

12 Idem. Ibidem. (221)

13 Para LEFEBVRE, tempo linear significa o tempo da prática social, da atividade humana, dos gestos, dos quadros impostos (Cf. *Rythmanalyse*).

14 LEFEBVRE, Henri. *Rythmanalyse*. (p. 14)

15 Mimesis o processo mimético é complexo, comporta uma simulação e, simulando a própria espontaneidade, carrega o ético e o estético. A iniciativa suprimida pode esterilizar a criação e tornar-se apenas repetição. Produzindo simulacros, não discute a verdade, mas busca dar uma precisão que é confundida com o real. Esta precisão é confirmada pelas máquinas. O homem nesta comparação realiza-se como imperfei-

criadora, a originalidade. Mediante isso negaria, assim, as possibilidades e o próprio vivido¹⁶. Seria pensar o mundo pela produção de objetos, coisas que ganham status de sujeitos e dissimulam a produção do tempo, do corpo. Como essa produção muda a vida das pessoas? Como desvendar o cíclico de ritmos quantitativos-qualitativo, racional-natural, possível-impossível? Como encontrar a mortalidade na imortalidade?

Nietzsche, em seu estudo sobre as relações de força, de poderes, põe o acento no indivíduo para entender o mundo. O seu projeto requer uma atenção peculiar no indivíduo e centraliza a discussão no corpo que carrega a prática poética. O repetitivo a partir da poesia, da música e do teatro (da tragédia) recupera então o tempo cíclico, a partir da diferença.

Para Nietzsche, o corpo contém a profundidade, exclui o corpo-máquina; opõe-lhe o corpo-ener-

ção; as emoções, o sofrimento, os sentimentos são tidos como incorreções. Assim, ele busca também se identificar às máquinas (Cf. Lefebvre, Henri. *Metafilosofia*. (Cap.V). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967.

16 Vivido - que nega a mimesis, que obriga ao desafio e ao combate.

gia, o corpo-poesia, o da música e da dança. *O corpo, desconhecido, ignorado, faculta as suas riquezas sem limites: os ritmos, as repetições (cíclicas e lineares), as diferenças*¹⁷ Assim, o corpo guarda o espaço e o tempo, é produtor do seu próprio devir na prática poética, prática esta de superação, de práticas lúdicas, metamorfoseia de tal forma a vida que coloca a obra acima do produto. A prática poética em Nietzsche celebra a apropriação como possibilidade, ao mesmo tempo próxima e longínqua. Penetra num conhecimento qualitativo, partindo do vivido.

Desejo e corpo - apropriados. Impõe-se ao indivíduo, enquanto possibilidade, apropriação do corpo próprio, corpo total, a recuperação dos gestos espontâneos, da sensibilidade. Assim, busca-se re-encontrar no corpo, lugar da ausência, destituído de sentido, uma energia vital, uma presença, um corpo concreto, ou seja, o vir-a-ser.

17 LEFEBVRE, Henri. "Dossiê Nietzsche". In: *Hegel*. op. cit. (235)

BIBLIOGRAFIA

GRANOU, André. *Capitalismo e modo de vida*. (Trad. Maria Helena Machado). Porto, Afrontamento, s/d.

KURZ, Robert. *O colapso da modernização. Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

LEFEBVRE, Henri. *Hegel, Marx, Nietzsche - ou o reino das sombras*. Lisboa, Ulissea, 1975.

_____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. (Trad. Alcides João de Barros). São Paulo, Ática, 1991.

_____. "Genese et g n alogie du concept" In: *Le manifeste diferencialiste*. Paris, Gallimard, 1970.

_____. "Introducción a la psicossociologia de la vida cotidiana" In: *De lo rural a lo urbano*. Barcelona, Península, 1978 (pp. 85-102).

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole" mimeo, s/d.

MARTINS, José de Souza (org.) "As temporalidades da história na dial tica de Lefebvre". In: MARTINS, J.S. *Henri Lefebvre e o Retorno   dial tica*. São Paulo, Hucitec, 1996. (pp. 13-24).

NASSER, Ana Cristina Arantes e FUMAGALLI, Marlene. "A opressão da equivalência, as diferenças" In: MARTINS, J.S. *Henri Lefebvre e o Retorno   dial tica*. São Paulo, Hucitec, 1996 (pp. 25-38).

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. "A insurrei o do uso" In: MARTINS, J. S. *Henri Lefebvre e o retorno   dial tica*. São Paulo, Hucitec, 1996 (pp.71-87).

SIMMEL, Georg. "A metrópole e a vida mental" In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fen meno Urbano*. Rio de Janeiro, 1987.

WEBER, M. *Economia y Sociedad*. México, Fondo de Cultura Econ mica, 1984.

Endereço do autor: Ana Cristina Mota Silva

CRUSP BL. E - AP 106 Rua da reitoria n. 109 CEP: 05508-900

São Paulo, junho de 1997.